



MARCOS RENÊ

Arquiteto e Urbanista
Artista visual
Escritor



Nascido em Itabuna-Ba . Tem como inspiração a Bahia, sua história e estórias.

EXPOSIÇÕES

2025 Bahia de Jorge Amado, local Companhia das ostras Salvador-Ba

2025 Yemanjá. Local: Companhia das Ostras Salvador-Ba

2026 Individual : 477 anos de fundação da cidade de Salvador, Local Hotel da Bahia

2026 Concurso de pintura da Fundação José Silveira 3º lugar



Hotel da Bahia (1,00 x 1,00) m



O trem e a ponte (0,60 x 0,50) m



Largo de Santana (0,60 x 0,50) m

No bairro do rio Vermelho existe um praça, que no meio há uma igreja, dedicada a avó do Cristo, (Largo de Santana) e em torno dela foram agregando manifestações culturais e celebrações da vida unindo as pessoas, como a casa da vó. Em torno da mesa foram se assentando quem era da casa, quem estava somente de passagem e também quem era de fora.

Oferecem nestas mesas, quitutes, acarajés, abarás e o de matar a sede, a sede de amizades, amores, união e vivências...

Minha filha me pediu para pintar estes momentos em torno destas mesas que ela se alimentou, e quando retorna a casa ainda come.

Ela vem sempre matar a sede, a fome de pertencimento e se abastecer de dendê, para nunca esquecer de onde veio.



Farol de Itapuã (1,20 x 0,60) m

Antigamente uma aldeia distante da antiga Salvador, a região de Itapuã abrigava tribos indígenas e, mais tarde, uma vila de pescadores que vivia das armações de baleia, para a extração de óleo.

Foi nesse cenário de águas profundas e rochas perigosas que, em 1873, ergueu-se sobre a Pedra de Piraboca — a "boca de peixe" — um farol em ferro fundido. Sendo o segundo da cidade. Sua estrutura robusta nasceu com a missão de guiar os navegantes que iam e vinham do norte, protegendo as embarcações dos bancos de areia e formações rochosas.

Para além da sua função náutica, o Farol de Itapuã forneceu a luz para se tornar um símbolo do imaginário popular. Ele deixou de ser apenas um guia para marinheiros e passou a ser o farol de poetas, músicos e amantes da Bahia, servindo de cenário para romances e celebrações tradicionais.

Itapuã foi lugar de veraneio, evocando um cenário de calma, sol e sombra de coqueiros. Surgiu como uma vila distante do centro urbano, e ficou como um símbolo de descanso e natureza, se tornou assim indispensável para a construção da identidade baiana.

O farol de Itapuã é seu maior marco arquitetônico, uma lembrança que afaga a alma.



Por do sol no farol (1,20 x 0,60) m

Antes mesmo de Thomé de Souza chegar por estas terras, já existia por estas bandas da barra um povoamento que misturava diversas culturas. Eram náufragos, aventureiros e gentios que resolveram morar em uma comunidade euro-ameríndia chefiada por um europeu com nome indígena, “Caramuru” e sua esposa que era uma índia com nome europeu, “Catarina”. Assim começou a formar a alma deste lugar eclético.

Localizada na Ponta do Padrão, a área recebeu este nome devido ao marco de pedra ali fincada para assinalar a posse do território.

O local tornou-se estratégico para a defesa da Baía de Todos os Santos. O que resultou na construção de um forte chamado “Santo Antônio da Barra”.

Neste lugar existem afloramentos rochosos que causavam acidentes com facilidade, e para orientar melhor os navegantes, foi construído em 1698 um farol que herdou o nome do forte antigo “Farol de Santo Antônio da Barra”.

Fazendo jus a alma do lugar, tribos diversas hoje se juntam para apreciar a vida e sentir na pele a transição do dia para noite em um evento mágico diário, chamado pôr do sol.



Água de meninos (1,00 x 0,50) m

Entre a Igreja da Santíssima Trindade e o Orfanato de São Joaquim, uma pequena enseada se firmou como porto natural de saveiros que abasteciam a cidade de Salvador, com víveres e utensílios do Recôncavo.

Daquele encontro de mercadores e artistas populares, nasceu a Feira de Água de Meninos — batizada assim em razão de uma fonte onde os órfãos de São Joaquim se

Após um grande incêndio destruir as barracas de palha e madeira, a área foi aterrada para a abertura de avenidas, forçando a mudança da feira para o local atual, em um local mais afastado do terreno natural, onde passou a ser chamada de Feira de São Joaquim.

Nesta enseada nasceu o palco mais autêntico das manifestações culturais de Salvador. Considerada as vísceras da miscigenação baiana, a feira carrega um nome que remete à pureza da infância e se liga a São Joaquim — o santo avô de Cristo, cujo neto dá nome à capital baiana.



“Olivença ” acrílico sobre tela (0,40 x 0,60) m



A LADEIRA DA MISERICÓRDIA acrílico sobre tela (0,40 x 0,60) m

A casa de saúde, que nasceu junto com a cidade, emprestou seu nome a esta ladeira, que corre nos fundos do antigo hospital, hoje museu.

É uma das primeiras ladeiras rasgadas sobre a escarpa, ainda por Tomé de Souza, — por onde subiam, em lombos de burro ou no dorso dos escravos, os alicerces da cidade — “que parecia apartar duas cidades distintas”.

Abaixo, o bairro da praia: o pulsar das labutas, o comércio fervilhante, o vai e vem dos pescados, mercadores e barcos. Acima, o silêncio das igrejas e a ordem burocrática dos palácios e residências de fidalgos.

Ao lado da Santa Casa, erguia-se a antiga Sé, demolida em 1933 — local onde hoje se encontra o monumento da Cruz Caída. O frontão desta catedral era voltado para o mar, que parecia abençoar o Recôncavo. Seus sinos, davam notícias da cidade a vilas e povoamentos a volta na baía.

Ao longo do percurso da ladeira e a seus pés, surgiram casas de comércio e moradias que foram moldando o Bairro da Praia, hoje bairro do comércio.

Com vocação mercante, a região chegou a ser o maior porto comercial das Américas em um passado distante.



"Rua Chile " acrílico sobre tela (0,40 x 0,60) m



“Relógio de São Pedro ” acrílico sobre tela (0,40 x 0,60) m

O Relógio de São Pedro

Neste ângulo exato de terra, onde hoje o Relógio de São Pedro planta suas fundações, latejava outrora uma vida distinta.

Ali, desde o século XVI, a Igreja de São Pedro Velho "Extra Muros" estava acoada dando espaço para esta praça.

Era para além das muralhas que circundavam a fortaleza portuguesa, como um velho sentinela que vigiava a porta da cidade, Lá do alto, São Pedro, com suas chaves, não apenas guardava o organismo urbano, mas mediava também os mundos que coexistiam.

Mas veio o ano de 1913, e com ele a febre do asseio e da modernidade.

A picareta, instrumento cego do progresso, caiu impiedoso sobre a pedra e cal, mutilando prédios e desfigurando fachadas, para dar passagem ao bonde elétrico que chegava.

Sob a onda do novo urbanismo, as paredes centenárias desmancharam-se em nuvens de poeira sufocante, cedendo o ventre da cidade ao apetite dos novos planos.

Tiraram as chaves de São Pedro e substituíram por um relógio.

Era a influência francesa, o anseio de ser uma Paris, desejando que a Salvador colonial fosse rasgada de alto a baixo para a progresso triunfal.

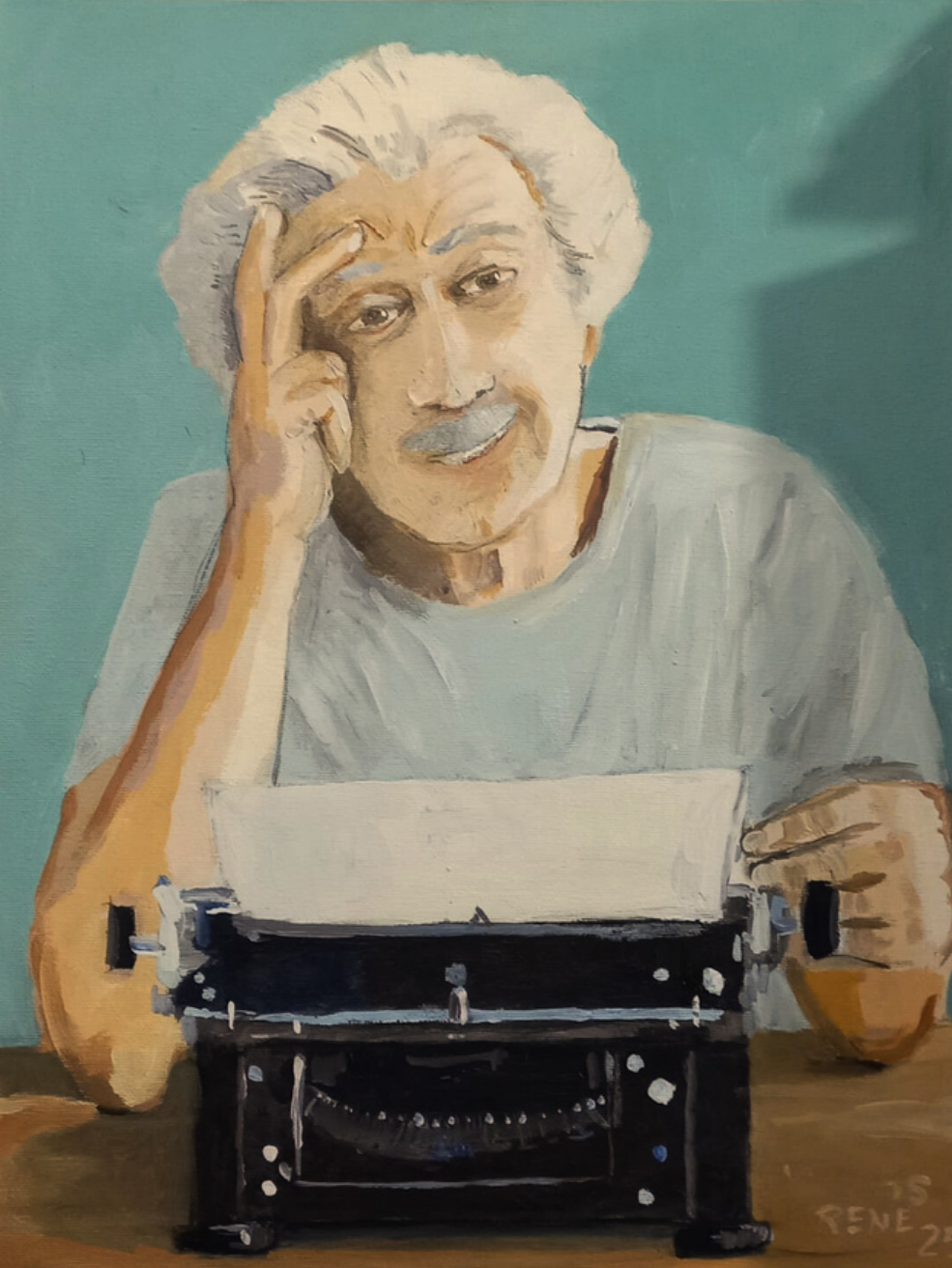
No vácuo deixado pela demolição, brotou o monumento de bronze.

O Relógio não era apenas aço e engenharia; era o novo mestre do tempo, disciplinando o caos das ruas com o rigor de suas engrenagens.

A praça que leva o nome de um diplomata quase ninguém sabe, mas é ali que o relógio se encontra,

Praça barão do Rio Branco, homem distinto e importante para o Brasil responsável por sacramentar as divisas de um país que hoje vemos,

Mas para o povo não é mais importante que o velho logradouro, Relógio de São Pedro.



“O Bardo da Bahia” acrílico sobre tela (0,49 x 0,39) m

Na tela um relance do tempo congelado , onde o sol de mil histórias pousa, Surge no centro o bardo, a cabeleira branca, nuvem leve e prosa. Os olhos, mar de riso e sal, refletem a calmaria De quem colhe no tempo a seiva da fantasia. A testa vincada em sabedoria, Um sorriso de capitão que sabe o rumo do dia, e senhor das palavras. À frente, a máquina negra, régua e compasso, Onde a folha em branco espera o comando do bardo, e ali desenhar personagens de forte laço.

Não há pressa no gesto, só o gozo e a certeza branda, Do mestre que na ponta dos dedos o sertão comanda. E a camisa cinza é a vela que apara em respiração o temporal, explode em inspiração uma chuva de cores e cheiros, o cheiro de uma Bahia real.

É o instante em que as mãos se preparam, Para nascer do silêncio uma nova história rara. Jorge, o bruxo da palavra, pronto para nos dar de novo, personagens conhecidos, o tempero e a alma do seu povo.



“A Morada da rainha do mar” acrílico sobre tela (1,00 x 0,60) m

No Rio Vermelho, tem uma enseada diferente de todas as outras: pequena em extensão, mas imensa em significado, é voltada para a antiga casa e tem braços. Ali, o tempo escreve histórias na areia, onde pedidos são gravados e esperanças, renovadas. O ar preserva um rastro doce — a fragrância dos perfumes derramados, o frescor das flores flutuantes e o brilho dos espelhos ofertados.

Esta é uma morada feminina por natureza; um cálice cujo dom é acolher barcos, preces e destinos. Mais que uma praia, este é o lar da Senhora da Vida, que dá e retira em seus domínios com a mesma soberania.

Sua presença é como o sentimento: água que escorre e ocupa todos os espaços. Nela, vida e morte não se excluem; são mundos diferentes e complementares que se abraçam.

Quando chega o dois de fevereiro, o Rio Vermelho transborda. É dia de saudar a Rainha do Mar. Seus filhos chegam com as mãos cheias de flores e o coração preenchido por uma fé antiga. Na beira da praia, a tradição se manifesta em sua forma mais pura: o sagrado dos rituais mergulha na celebração profana das ruas, transformando a pequena enseada no altar de um povo inteiro.



"Igreja de São Pedro Velho extra muros" acrílico sobre tela (60 x 40)cm

A Igreja de São Pedro Velho extra muros, um marco histórico da cidade, estava localizada no espaço que hoje é ocupado pelo Relógio de São Pedro. A sua demolição, um evento significativo para a paisagem urbana, ocorreu em um período de profundas transformações, coincidindo com a da Antiga Sé. Essa intervenção foi considerada necessária para permitir a expansão e a passagem da nova linha de bondes, refletindo o avanço da modernidade e o sacrifício de edifícios seculares em nome do progresso viário.



"O Saveiro e o pássaro "

Acrilico sobre tela (40 x 60) cm



"O Saveiro e a encosta "

Acrilico sobre tela (40 x 60) cm



“Luiza Mahim ”

Acrílico sobre tela (40 x 60) cm

Luiza Mahim sabia ler e escrever em árabe, língua utilizada para tramcar a revolução dos Malês, assim eram chamados os escravos de origem Mulçumana e eram mais letrados e habilidosos que seus senhores. Esta mulher foi exemplo e referencia para um dos maiores personagens da história do Brasil. Luiz Gama.



"A Lavadeira "

Acrilico sobre tela (50 x 70) cm



"Arrastão "

Acrílico sobre tela (60 x 100) cm

Mais do que uma cena de trabalho; A essência da pesca de arrastão, uma atividade que é, simultaneamente, tradição, trabalho e um elo vital entre o homem e o mar.

Figuras humanas, unidas por uma única rede, destacam o aspecto comunitário da pesca. A cena retratada não é de um trabalho solitário ou individual, mas de um esforço sincronizado e cooperativo. Cada pescador desempenha um papel, puxando a rede em um movimento cadenciado, que ecoa a sabedoria e a experiência transmitidas de geração em geração.

O mar como suporte e protagonista não é um simples recurso a ser explorado, mas um parceiro nesse ritual.



"Lavadeira do cachoeira"
Acrílico sobre tela (40 x 60) cm

Em minhas primeiras lembranças de vida, acompanhava minha mãe para lavar roupas no Cachoeira em Itabuna. São lições de tenacidade, perseverança e fé.



"A Ponta de Humaitá a igreja e o farol"

Acrílico sobre tela (100 x 70) cm

A Ponta de Humaitá é um ponto de referência sentimental para os soteropolitanos, um palco de beleza e emoção. As vistas panorâmicas testemunham declarações apaixonadas e encontros memoráveis, enquanto o local serve de espaço sagrado para a devoção de religiões de matriz africana. Essa dualidade, entre a paixão e a fé, é simbolizada pelo contraste harmonioso entre a antiga igreja e o farol, que juntos, guardam as histórias, estórias e os sentimentos de quem passa por ali.



"Gamboa"

Acrílico sobre tela (60 x 40) cm

Nas cores da tela, a encosta e o azul do mar, Casas brancas se aninham, telhados cor de barro. O verde da mata abraça, a lhes guardar, Um pedaço de Salvador, um rincão tão raro.

Perto da origem, onde a vila nasceu, Ali, um porto de redes e canoas, Onde o sustento à cidade floresceu, E o mar trazia a vida em suas proas.

Um porto amigo, de abraço natural, Escudo para os botes, a calmaria a garantir. Guardava o suor da pesca, o ritual, Que ao amanhecer tornava a partir.

Findo o engenho, a fazenda em seu repouso, Mas a vida não cessou, encontrou novo chão. A fábrica de rapé, com seu mistério fumoso, Deu abrigo e labuta a outra geração.

Assim, o tempo escoia, em pedra e em corrente, Deixando marcas, contos para contar. E a imagem guarda a alma dessa gente, Que fez da beira-mar seu modo de morar.



"Saveiros"

Acrílico sobre tela (100 x 60) cm

Kirimuré, nome que a língua antiga deu, Ao imenso mar interno que a terra acolheu. Baía de Todos os Santos, onde o sol nasceu Para a saga do Recôncavo que aqui se deu. Na vastidão de águas que a imagem nos revela, A paz do verde-água, o céu de suave tom. E a vela enfunada, altiva, a singrar nela, Um saveiro que traça a história com seu gomo.

Do Egito ancestral, a técnica que veio, Cruzou o estreito, abraçou a luz de Mouro. Em Portugal aprendeu, sem ter receio, E na Bahia encontrou seu mais precioso ouro.

Saveiro, elo da vida, o principal motor, Ligando o engenho à fazenda, a vila à capital. Levando a cana, o fumo, a mercadoria e o amor, Pelo espelho d'água, no trajeto regional.

E a costa que se mostra, no casario forte, Onde a vida brotou, entre a mata e o cais. Kirimuré guarda a memória de um norte, Na fibra da vela que já não volta jamais.



"A chegada"

Acrílico sobre tela (50 x 60) cm

Duas das três Caravelas aportam onde hoje é o elevador Lacerda para fundar a cidade Fortaleza de São Salvador.



"Antiga Praia do Porto da Barra"

Acrílico sobre tela (90 x 60) cm

Aqui nesta praia, repousam os vestígios da Vila do Pereira.

O antigo povoamento, liderado pelo capitão-donatário Francisco Pereira Coutinho.

Foi o cenário de um trágico choque cultural.

Apelidado de 'O Rusticão', Coutinho não soube ler a complexa teia social formada pelos índios e pelos europeus 'abrasileirados' que já habitavam a costa, antes da sua chegada.

Estes conflitos resultaram em um banquete em que o próprio donatário foi servido como jantar.

Avesso ao rusticão, Caramuru soube usar de sabedoria e inteligência emocional fundando um povoamento sincrético e multicultural obtendo sucesso em sua empreitada.

Esta praia era porto de abrigo logo na entrada da Baía de Todos-os-Santos. Esta enseada foi o cenário de chegada de muitos europeus que por aqui desembarcaram com seus sonhos, anseios e decepções. Foram as primeiras sensações da primitiva ocupação, e também por onde o bairro nasceu. O que antes era portal de entrada e subsistência, transformou-se em destino de veraneio para as famílias tradicionais da cidade, tecendo a transição de uma pacata vila, para o epicentro cultural e social que a Barra representa hoje.



"O Bomfim"

Acrílico sobre tela (70 x 50) cm

Da colina sagrada avistava a cidade e a baía. Sua fachada é voltada para o centro da cidade acolhendo quem de lá ainda chega. Um símbolo de um bom final de vida, um acalento para quem ainda vive, uma lembrança de que nada é eterno.



"Antigo Porto de Salvador"

Acrílico sobre tela (60 x 40) cm

Na tela, a luz do dia banha o velho cais, Casarios em degraus, do ocre ao verde-claro. E a água reflete a história, sem ver jamais Que ali pulsava o tempo, intenso e raro.

Antigo Bairro da Praia, faixa estreita e pura, Entre a escarpa altiva e a baía. A Cidade Baixa, em sua arquitetura, Onde a vida e o lucro se encontravam todo dia.

De saveiro a navio, a rota do destino, O ir e vir da troca, o aroma do tabaco. O Comércio nascia, com toque divino, No aterro que engolia o areal e o fraco.

Era o coração que bombeava a mercadoria, Do Recôncavo o fruto, da Europa o pano fino. O porto onde a riqueza se distribuía, No grande abraço do oceano e o tino.

Hoje, os prédios guardam o murmúrio da gente, E os barcos da tela, pequenos a singrar, Lembram a memória de um tempo urgente, Quando todo o mundo vinha nos visitar



"A Ladeira da Conceição"
Acrílico sobre tela (60 x 50) cm